



**FLORÍSTICA DO ESTRATO ARBÓREO DE
FRAGMENTOS DA MATA ATLÂNTICA DO
NORDESTE ORIENTAL, MUNICÍPIO DE
CORURIBE, ALAGOAS, BRASIL**

**Maria Aliete Bezerra Lima Machado¹, Lúcia de Fátima de Carvalho
Chaves², José Lima Rosa Neto³, Rosângela Pereira de Lyra Lemos⁴**

¹Doutora em Química e Biotecnologia, Professora
da Universidade Federal de Alagoas-Arapiraca.
E-mail: mablmachado@hotmail.com

²Doutora em Ciência Florestal, Professora Universidade Federal do
Rio Grande do Norte..

³Mestrando em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos,
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde.

⁴Mestra em Biologia Vegetal, Bióloga do Instituto do Meio Ambiente do
Estado de Alagoas.



RESUMO

Este estudo tem como objetivo realizar o levantamento florístico das espécies arbóreas de fragmentos de Mata atlântica da Usina Coruripe (10° 18' 8,1" S e 36° 05' 48,8" W), município de Coruripe-AL. A área total possui, aproximadamente, 5.929,36 ha e é coberta por fragmentos de floresta ombrófila aberta de diversos tamanhos e em diferentes estágios sucessionais. O clima da região é do tipo As', segundo a classificação de Köppen, caracterizado como clima tropical chuvoso, com verão seco. Foram registradas 155 espécies pertencentes a 108 gêneros e 48 famílias. As famílias com maiores número de espécies, Myrtaceae (15), Fabaceae-Mimosoideae (13), Fabaceae-Faboideae (12) e Fabaceae-Caesalpinoideae a Sapindaceae (8), têm sido reportada como de maior riqueza em diversos levantamentos realizados na Floresta Atlântica brasileira.

Palavras-chave: Levantamento florístico. Comunidade arbórea. Floresta Atlântica.

FLORISTICS OF RAINFOREST TREE SRATUM IN EAST NORTHEAST, CORURIFE CITY, ALAGOAS, BRAZIL

ABSTRACT

This study is focused on having a survey of floristic species from the fragment of the Atlantic Forest located at the Usina Coruripe (10° 18' 8, 1" S and 36° 05' 48, 8" W), municipal of Coruripe-AL. The total area is approximately 5,929.36 ha and is covered by the fragments of "ombrophilous forest" of a variety of sizes and in successional stages. The region climate is classified as As', according to Köppen's classification, because is characterized of tropical rainy with dry summer climate. There were registered 155 species that belong to 108 genres and 48 families. The families with the highest numbers in species: Myrtaceae (15), Fabaceae-Mimosoideae (13), Fabaceae-Faboidea (12) and Fabaceae-Caesalpinoideae and Sapindaceae (8). Also, they were reported in various surveys done in the Brazilian Atlantic Forest as the richest region.

Keywords: Floristic. Arborea community. Atlantic Forest.

1 INTRODUÇÃO

O processo de degradação da Mata atlântica é datado desde 1.500, com a exploração do pau-brasil. Esse processo foi contínuo, com a floresta sendo substituída pela monocultura da cana-de-açúcar, pelo cultivo do café e pela criação de gado.

O Estado de Alagoas possui uma extensão territorial de 27.933,1 km², 14,695 km² dos quais eram cobertos originalmente pela mata atlântica (ALAGOAS, 2002). A mata atlântica no estado de Alagoas é composta predominantemente por floresta ombrófila aberta (ASSIS, 2000). Atualmente, a cobertura florestal está distribuída em 4.429 fragmentos que totalizam uma área de 1.926 km², correspondendo a 13% da cobertura original (MENEZES, 2010).

Estudos florísticos na mata Alagoana iniciaram na década de 1960, visando estimar o potencial madeireiro (TAVARES et al., 1968a, 1968b, 1969, 1971, 1975). Os resultados desses trabalhos estão disponíveis apenas em relatórios técnicos, e um grande número das espécies levantadas não foram completamente identificadas. Na década de 2000, novos estudos foram realizados como parte de Dissertações de Mestrado e Monografias, mas a maior parte destes estudos não foi publicada. Dessa forma, a flora do estado de Alagoas permanece como uma das menos conhecidas do país.

Este trabalho consistiu no levantamento florístico da vegetação arbórea, remanescente nos fragmentos de Mata atlântica, localizados nas terras pertencentes à Usina Coruripe, abrangendo os municípios de Coruripe, Feliz Deserto e Teotônio Vilela, no Estado de Alagoas. Comparações florísticas com outras áreas sistematicamente inventariadas foram feitas na tentativa de estabelecer padrões de distribuição, identificar possíveis endemismos e raridade de espécies na Mata atlântica do Nordeste Oriental.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

A vegetação estudada cobre uma área de cerca de 5.929,36 ha e está localizada nos municípios de Coruripe, Feliz Deserto e Teotônio Vilela (10° 18' 8,1" S e 36° 05' 48,8" W), no Estado de Alagoas (Figura 1). A área de estudo está inserida na região dos Tabuleiros Costeiros, em terrenos do Grupo Barreiras, onde se desenvolve a Floresta Ombrófila Aberta com transição para Floresta Estacional Semidecidual, subsistindo em fragmentos florestais nos tabuleiros, encostas de grande declividade e poucas áreas de várzea. A altitude varia entre 50 a 60 m.



Figura 1 – Localização das terras da Usina Coruripe (no detalhe em preto), em Coruripe-AL, onde estão situados os fragmentos estudados

O clima da região é do tipo As' , pela classificação de Köppen, caracterizado como clima tropical chuvoso, com verão seco. A precipitação pluvial média é de 1.487 mm, com variações entre 732 e 2.412 mm, sendo os meses de março a setembro os mais chuvosos, e outubro a novembro os mais secos. A temperatura média anual é em torno de $25,4^{\circ} C$. O solo predominante na região é do tipo Argissolo Amarelo Distrófico (Usina Coruripe, Açúcar e Álcool S.A., 1996).

Levantamento Florístico

Foram coletados materiais botânicos de espécimes arbóreos no período de floração e/ou frutificação, semanalmente no período de agosto de 2001 a abril de 2002, percorrendo trilhas aleatoriamente em todos os fragmentos. O material foi coletado e preparado segundo as técnicas usuais (MORI et al., 1989) e depositado no Herbário MAC, do Instituto do Meio Ambiente do Estado de Alagoas, onde foi identificado, com auxílio de chaves analíticas, bibliografia especializada, e alguns exemplares foram enviados para especialistas, para confirmação e/ou complementação da identificação. A classificação segue as normas taxonômicas da APG II (2003). As espécies foram caracterizadas em Pioneiras, Shade-intolerants e Shade-tolerants de acordo com o nicho de regeneração.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 155 espécies pertencentes a 108 gêneros e 48 famílias (Tabela 1). Seis indivíduos foram identificados apenas em nível de família. Trinta e cinco foram identificados em nível de gênero.

Tabela 1 – Famílias e espécies arbóreas ocorrentes no levantamento florístico de fragmentos de Mata Atlântica da Usina Coruripe, em Coruripe-AL. (CE) Classe Ecológica; (SC) sem classificação, (P) Pioneira, (SI) Shade-intolerants, (ST) Shade-tolerants

(Continua)

FAMILIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE
ANACARDIACEAE	Anacardiaceae	Uva de caboclo	SC
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçalo Alves	SC
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Cupiúba branca	SI
ANNONACEAE	<i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague & Sandwith	Araticum taia	ST
	<i>Annona salzmanni</i> A. DC.	Araticum	ST
	<i>Duguetia gardneriana</i> Mart.	Araticum cagão	SC
	<i>Duguetia moricandiana</i> Mart.	Araticum taia	SC
	<i>Guatteria</i> sp.	Imbira preta	SC
	<i>Xylopi frutescens</i> Aubl.	Pindaíba	ST
	<i>Xylopi laevigata</i> (Mart.) R. E. Fries.	Araticum meium	ST
APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma discolor</i> A. DC.	Pau falha branco	SI
	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	Gararoba	SI
	<i>Himatanthus phagedaenicus</i> (Mart.) Woodson	Banana-de-papagaio	SI
	<i>Tabernaemontana flavicans</i> Willd. ex Roem & Schult.	Banha-de-galinha	SI
	<i>Tabernaemontana</i> sp.	Banha-de-galinha	SC
ARALIACEAE	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyer. & Frodin	Sambacuí	SI
BIGNONIACEAE	<i>Tabebuia avellaneda</i> Lorentz. ex Griseb.	Pau d'arco roxo	ST

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE
	<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridley) Sandwith	Pimenteira	SI
	<i>Tabebuia serratifolia</i> Nichols	Peroba rosa	ST
	<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Pau d'arco amarelo	SI
BORAGINACEAE	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	Ingá caixão	P
	<i>Cordia</i> sp.	Frei Jorge	SC
BRASSICACEAE	<i>Capparis</i> sp.	Mangabeira	SC
BURSERACEAE	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Amescla	SI
CANNABACEAE	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Camarão	P
CARICACEAE	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	Jacatiá	ST
CELASTRACEAE	<i>Maytenus impressa</i> Reissek	Bom-nome- vermelho	SC
	<i>Maytenus</i> sp.	Bom-nome- vermelho	SC
CHRYSOBALANACEAE	<i>Licania canescens</i> Benoist	Carrapeta	ST
	<i>Licania impressa</i> Prance	Casca doce	ST
COMBRETACEAE	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.) Eichler	Mirindiba	P
DILLENiaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Cajueiro bravo	SC
EBENACEAE	<i>Diospyros gauthierifolia</i> Mart.	Grão-de-macaco	ST
ELAEOCARPACEAE	<i>Sloanea garckeana</i> K. Schum.	Carrapatinho de nambu	SI
ERYTHROXYLACEAE	<i>Erythroxylum passerinum</i> Mart.	Fruta preta	SI
	<i>Erythroxylum</i> sp.	Bom-nome- vermelho	SC
EUPHORBIACEAE	<i>Sapium</i> sp.	Burra leiteira	SC
CLUSIACEAE	<i>Clusia nemorosa</i> G.Mey.	Pororoca	SI
	<i>Garcinia</i> sp.	Bacupari	SC
	<i>Symphonia globulifera</i> L.	Bulandi	SI
HUMIRIACEAE	<i>Vantanea parviflora</i> Lam.	Goiti-coró	SC
HYPERICACEAE	<i>Vismia guianensis</i> DC.	Lacre-vermelho	SI

(Continuação)

FAMILIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE	
ICACINACEAE	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers	Louro-vermelho	SC	
LAURACEAE	Lauraceae 1	Louro-pimenta	SC	
	Lauraceae 2	Louro-cheiroso	SC	
	<i>Ocotea gardneri</i> Mez	Louro-ferro	ST	
	<i>Ocotea glomerata</i> (Ness) Mez	Louro-branco	SI	
	<i>Ocotea</i> sp.	Louro-pisco	SC	
LECYTHIDACEAE	<i>Cariniana legalis</i> Mart.	Jequitibá	ST	
	<i>Eschweilera ovata</i> Cambess.	Imbiriba	ST	
	<i>Gustavia augusta</i> L.	Jenipapinho	SI	
	<i>Lecythis lurida</i> (Miers.) Mori	Sapucaia de coco	ST	
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaia	ST	
FABACEAE-	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	ST	
CAESALPINOIDEAE	<i>Cassia grandis</i> L.	Canafistula	SC	
	<i>Chamaecrista ensiformis</i> Vell. Irwin & Barneby	Miolo preto	SI	
	<i>Copaifera</i> sp.	Pau d'óleo	SC	
	<i>Dialium divaricatum</i> Vahl.	Pininga	SI	
	<i>Hymenaea martiana</i> Hayne	Jatobá	ST	
	<i>Melanoxylum brauna</i> Schott	Maria preta	ST	
	<i>Senna australis</i> Vell.	Mororó	SC	
	FABACEAE-	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	Jitaí	SI
	FABOIDEAE	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Macbride	Angelim pedra	ST
<i>Andira inermis</i> Kunth.		Angelim	ST	
<i>Andira</i> sp1		Angelim doce	SC	
<i>Andira</i> sp2		Angelim amargoso	SC	
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.		Sucupira	SI	
<i>Diplotropis</i> sp.		Caboatã-de-leite	SC	
<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi		Mau-vizinho	SI	
<i>Pterocarpus violaceus</i> Vog.		Pau-sangue	P	
<i>Swartzia apelata</i> Raddi		Grão-de-galo	ST	
<i>Swartzia flaemingii</i> Raddi		Enxúndia	ST	
<i>Zollernia</i> sp.		Pau-santo	SC	

FAMILIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE
FABACEAE- MIMOSOIDEAE	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & Grimes	Barbatimão	SC
	<i>Calliandra</i> sp.	Pincel	SC
	<i>Ingaurina</i> Willd.	Ingáí	SI
	<i>Inga</i> sp1	Ingazeira	SC
	<i>Inga</i> sp2	Ingáí	SC
	<i>Inga</i> sp3	Ingá Açú	SC
	<i>Macrosemanea</i> sp.	Jaguarana	SC
	<i>Parkia pendula</i> Benth.	Visgueiro	ST
	<i>Pithecellobium</i> sp1	Canzenze	SC
	<i>Pithecellobium</i> sp2	Arapiraca	SC
	<i>Samanea tubulosa</i> (Benth.) Barneby & Grimes	Burdão de velho	SI
	<i>Stryphnodendron</i> <i>pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.	Favinha	P
	<i>Stryphnodendron</i> sp.	Pau-viola	SC
LAMIACEAE	<i>Vitex polygama</i> Cham.	Fruta preta	SI
	<i>Aegiphila</i> sp.	Faxeiro	SC
MALPIGHIACEAE	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Murici	P
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> Rich.	Murici de tabuleiro	SI
MALVACEAE	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum.) A. Robyns	Munguba	ST
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	SI
	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Pau de jangada	P
	<i>Luehea ochrophylla</i> Mart.	Açoita-cavalo	SI
MELASTOMATAACEAE	<i>Miconia amoena</i> Triana	Lacre	SI
	<i>Miconia ligustroides</i> Naud	Carpuna branca	SI
MELIACEAE	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Pitombinha	ST
	<i>Trichilia silvatica</i> DC.	Ingá Açú	ST
MORACEAE	<i>Brosimum potabile</i> Ducke	Quiri de leite	SI
	<i>Ficus</i> sp.	Gameleiro preto	SC
	Moraceae	Quiri jaqueira	SC
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) Burger, Lanj. & Boer	Pau de teiú	ST
	<i>Sorocea</i> sp.	Quiri de arco	SC

(Continuação)

FAMILIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE
MYRSINACEAE	<i>Ardisia</i> sp.	Imbira de caçador	SC
	<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	Pororoca	SI
MYRTACEAE	<i>Eugenia hyemalis</i> Cambess.	Grão-de-cachorro	ST
	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	Araçá-boi	ST
	<i>Eugenia</i> sp1	Batinga	SC
	<i>Eugenia</i> sp2	Araçá canela	SC
	<i>Eugenia</i> sp3	Araçá-boi-branco	SC
	<i>Eugenia</i> sp4	Araçá-branco	SC
	<i>Myrcia alagoensis</i> Berg	Carpuna roxa	SI
	<i>Myrcia bergiana</i> Berg.	Cruiri	SI
	<i>Myrcia falax</i> (A. Rich.) DC.	Murta roxa	SI
	<i>Myrcia maritubensis</i> (Berg) G.M. Barroso	Araçá de birro	SI
	<i>Myrcia platyclada</i> DC.	Araçá	SI
	<i>Myrcia rufipes</i> (Berg.) G. M. Barroso	Guabiraba	SI
	<i>Myrcia silvatica</i> Barb. Rodr.	Carpuna	SI
	<i>Psidium</i> sp.	Pereiro	SC
	<i>Campomanesia dichotoma</i> (Berg.) Mattos	Guabiraba	SI
NYCTAGINACEAE	<i>Guapira opposita</i> (Vellozo) Reitz	Piranha	ST
OCHNACEAE	<i>Ouratea nitida</i> Engl.	Bom-nome- vermelho	ST
PERACEAE	<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers	Cocão	SC
PHYLLANTHACEAE	<i>Hyeronima alchorneoides</i> Allemão	Jaqueira-do-brejo	ST
	<i>Margaritaria nobilis</i> L. f.	Zagalume	SI
	<i>Phyllanthus</i> sp.	Chumbinho	SC
POLYGONACEAE	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.	Cabaçu	SI
	<i>Coccoloba rosea</i> Meissn.	Cabaçu ramalhudo	SI
	<i>Coccoloba declinata</i> Mart.	Bom-nome-branco	SI
PROTEACEAE	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Casca d'anta	ST
RUBIACEAE	<i>Alseis pickelii</i> Pilger & Schmale	Asa de morcego	SI

FAMILIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	CE
	<i>Coutarea hexandra</i> K. Schum.	Quina-quina	SI
	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham & Schlecht.	Angélica	ST
	<i>Posoqueria longiflora</i> Mart.	Marmela	SI
	<i>Rudgea</i> sp.	Buxeiro	SC
	<i>Tocoyena formosa</i> K. Schum	Marmela	SC
RUTACEAE	<i>Galipea trifoliata</i> Aubl.	Cajueirinho	SC
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Laranjinha	SI
SALICACEAE	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Camarão	ST
SAPINDACEAE	<i>Allophylus edulis</i> Radlk.	Cumixá	ST
	<i>Allophylus puberulus</i> Radlk.	Cumixá	ST
	<i>Allophylus</i> sp.	Cumixá	SC
	<i>Cupania platycarpa</i> Radlk.	Caboatã	ST
	<i>Cupania</i> sp.	Caboatã vermelho	SC
	<i>Matayba</i> sp.	Caboatã branca	SC
	<i>Sapindus</i> sp.	Sabonete	SC
	<i>Talisia</i> sp.	Aimora	SC
SAPOTACEAE	<i>Chrysophyllum cainito</i> L.	Pau de teiú	ST
	<i>Manilkara rufula</i> (Miq.) H. J. Lam.	Maçaranduba	ST
	<i>Manilkara salzmanni</i> (DC.) Lam.	Maçaranduba branca	ST
	<i>Pouteria grandiflora</i> (A. DC.) Baehni	Tuturubá	ST
	<i>Pouteria venosa</i> Mart.	Tuturubá	ST
SIMAROUBACEAE	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	Praíba	SI
	Simaroubaceae	Pitomba de macaco	SC
URTICACEAE	<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	Imbaúba	P

As famílias com maior número de espécies foram Myrtaceae (15), Fabaceae-Mimosoideae (13), Fabaceae-Faboideae (12), Sapindaceae (8), Fabaceae-Caesalpinoideae (8), Annonaceae (7), Rubiaceae (6), Moraceae, Lecythidaceae, Lauraceae, Sapotaceae, Apocynaceae contribuíram com 5 espécies. Dezoito famílias que corresponderam a 37,5% do total apresentaram apenas uma espécie. Dentre elas estão: Caricaceae, Ebenaceae, Elaeocarpaceae, Ochnaceae, Proteaceae e Salicaceae.

A riqueza da família Myrtaceae aparece em outros trabalhos realizados na Floresta Atlântica, como: Tavares et al. (1968a), na Mata das Carobas e na Mata do Varrela, em Alagoas; Tavares (1968b), na Mata do Varrela, em São Miguel dos Campos, Thomas et al. (2009), num fragmento na fazenda Serra do Teimoso em Jussari-BA, onde foi a segunda família mais rica em espécies; Tavares (1969), na Mata do Varrela, na Barra de São Miguel, a família Myrtaceae é a terceira mais frequente; Lins e Silva (1996), na região metropolitana de Recife-PE; Vicente (1997, 1999), na Serra de Itabaiana-SE; Siqueira (1997), na Mata do Zumbi, no Cabo de Santo Agostinho-PE; Tavares (1998), no Parque Ecológico João Vasconcelos Sobrinho, em Caruaru-PE; Tavares et al. (2000), na Serra de Baturité-CE; e Oliveira et al. (2001), na Estação Florestal Experimental de Nísia Floresta-RN. Além disso, Tabarelli e Mantovani (1999) ao analisarem estudos realizados na Floresta Atlântica de Encosta no estado de São Paulo, concluíram que a família Myrtaceae aparece como uma das responsáveis por grande parte da riqueza de espécies daquele local.

A família Fabaceae-Mimosoideae foi a segunda mais rica em espécies, tendo se destacado também em outros levantamentos na Mata atlântica: Guedes (1992), na Mata de Dois Irmãos-PE; Lins e Silva (1996), na região metropolitana de Recife-PE; Tavares (1998), em Caruaru-PE; Vicente (1999), na Serra de Itabaiana-SE; e Sambuichi (2002), em Cabruca, no sul da Bahia. Essa família aparece também como a segunda mais rica em espécies no levantamento feito por Cavalcante et al. (2000), na Serra de Baturité-CE.

A família Fabaceae-Faboideae aparece também como a segunda família em número de espécies. Em alguns estudos realizados na Mata atlântica, essa família aparece como a mais rica em espécie, entre esses estão: Silva et al. (2000), na Mata da Biologia da Universidade Federal de Viçosa-MG; no estudo realizado por Borém e Ramos (2001) é a segunda família em riqueza específica.

Entre os representantes das famílias de maior riqueza Myrtaceae e Fabaceae-Mimosoideae, destacaram-se os gêneros *Myrcia* (*Myrcia maritubensis* e *Myrcia falax*) e *Inga*. A espécie *Myrcia falax* foi registrada por: Lins e Silva (1996), Siqueira (1997) e Tavares (1998), em trabalhos realizados em Pernambuco; Vicente (1999), em Sergipe; Borém e Ramos (2001), no Rio de Janeiro; Cestaro (2002), no Rio Grande do Norte.

As riquezas das famílias Myrtaceae e Fabaceae-Mimosoideae atribuem à flora da Mata atlântica da Usina Coruripe uma identidade com relação às principais famílias que ocorrem nas diversas áreas de Mata atlântica, no Brasil.

Das espécies arbóreas identificadas neste estudo, 22 foram citadas por Vicente (1999), para um fragmento florestal da Serra de Itabaiana, em Sergipe. De 57 espécies arbóreas levantadas por Cestaro (2002), no Rio Grande do Norte, 17 foram comuns a este estudo. Na Bahia, na APA das Ilhas Tinharé-Boipeba, no levantamento florístico realizado por Guedes et al. (1996), foram amostradas 17 espécies em comum com as encontradas nas matas da Usina Coruribe. Siqueira (1997), num trecho da Mata do Zumbi-PE, amostrou 15 espécies em comum a este levantamento. Das 19 espécies amostradas por Tavares et al. (1968-a) em Marechal Deodoro, 10 foram comuns a este levantamento. Das 14 espécies identificadas por Tavares et al. (1969), em São Miguel, 6 delas foram encontradas neste levantamento. No inventário realizado por Tavares et al. (1975) em Coruribe, em que uma das áreas de mata situava-se na Destilaria Camaçari (atualmente Usina Coruribe), as espécies estão agrupadas em nomes vulgares, das quais apenas duas, pinica-pau e jacaré, não foram coletadas ou identificadas neste estudo. Os trabalhos citados (TAVARES et al., 1968a, 1969, 1975) foram realizados em amostragens pontuais, e parte do material está identificada apenas pelo nome popular, não sendo possível maiores comparações.

Quanto à classificação sucessional, as espécies coletadas no presente estudo, 43 (27,74%) são Shade-tolerants, 48 (30,97%) Shade-intolerants, 8 (5,16%) Pioneiras e 56 (36,13%) espécies com classificação indeterminada. Em estudos realizados, fragmentos menores e isolados mostram uma predominância das espécies mais tolerantes à incidência luminosa (i.e. BRANDÃO et al., 2009; ALVES Jr. et al., 2006), que encontraram uma para essa classe, valores acima de 60% da composição florística; enquanto, no presente estudo, essas classes (Pioneiras e Shade-intolerants) atingiram, aproximadamente, 36,1% da composição específica. Para Santos et al. (2008), essas diferenças são resultados de processos bióticos e abióticos em que os fragmentos estão susceptíveis, como efeito de borda, perda de dispersores, redução de habitat e distanciamento entre fragmentos, impossibilitando a manutenção das espécies do estrado mais maduro.

A similaridade florística com outras áreas sistematicamente inventariadas (Sørensen) foi baixa - as matas do Catolé e Varrela apresentaram maior similaridade com a Mata de Coruribe (Tabela 2). Essa maior similaridade pode ser atribuída ao fato de tratar-se de fragmentos sobre Latossolo, e possuírem baixa altitude, pela proximidade geográfica, principalmente do fragmento do Varrela.

Tabela 2– Informações sobre áreas sistematicamente inventariadas no estado de Alagoas e sobre similaridade com a área de estudo. (ISS) Índice de Similaridade de Sørensen; (CC) Coordenadas Centrais

Fragmento	Município	CC	Autor(es)	ISS
Mata do Catolé	Maceió/Satuba	09° 34' S – 35° 36' W	Rodrigues (2002)	0,43
Saudinha	Maceió	09° 22' S – 35° 45' W	Costa et al. (2007)	0,33
Parque Municipal	Maceió	9° 35' S – 35° 46' W	Fonseca (2006)	0,36
Usina Serra Grande	Ibateguara / S.J. da Laje	08° 30' S – 35° 50' W	Oliveira (2005)	0,29
Serra do Ouro	Murici	09° 13' S – 33° 50' W	Pinheiro (2006)	0,30
Mata do Varrela	Pilar	9° 42' S – 36° 00' W	Rosa Neto (2010)	0,44

Das espécies identificadas neste trabalho *Xylopia laevigata*, *Tabebuia serrafolia*, *Licania impressa*, *Licania canescens*, *Andira anthelmia*, *Melanoxylum braúna*, *Trichilia silvatica*, *Eugenia hyemalis*, *Eugenia pyriformis*, *Roupala brasiliensis*, *Allophylus puberulus* não foram coletadas nas outras áreas sistematicamente inventariadas no estado de Alagoas. Trata-se de espécies de classe sucessional mais tardia, de baixa densidade, e seu não registro para outras áreas tanto pode representar o baixo esforço amostral, quanto a raridade desta espécie na Mata Atlântica alagoana.

4 CONCLUSÃO

Os fragmentos florestais da Usina Coruripe estão inseridos no contexto da Floresta Atlântica do Nordeste, tendo apresentado espécies em comum a alguns fragmentos de mata estudados, nos estados de Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte. Myrtaceae, Fabaceae-Mimosoideae e Fabaceae-Faboideae foram as famílias que tiveram os maiores números de espécies, como é comumente reportado para a Mata Atlântica. A baixa similaridade, quando comparada a outros fragmentos no estado de Alagoas, pode significar que os fragmentos remanescentes de hoje são subconjuntos de um manto florestal que cobria toda uma região costeira e que hoje ficaram isolados devido à fragmentação, contendo espécies particulares de cada habitat. Além disso, o elevado percentual de espécies do estrato mais maduro e relações a outras áreas revelam a importância da conservação dos fragmentos dessa área.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Disponível em: <<http://epmail.com.br/geografia/regioes/nordeste/alagoas.html>>. Acesso em: 16 out. 2002.
- ALVES JR. et al. Efeito de borda na estrutura de espécies arbóreas em um fragmento de floresta ombrófila densa, Recife, PE. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, v. 1, p. 49-56, 2006.
- APG II. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 41, p. 399-436, 2003.
- ASSIS, J.S. **Biogeografia e conservação da biodiversidade**: projeções para Alagoas. **Maceió**: [S.l.]: Edições Catavento, 2000. 200 p.
- BORÉM, R.A.T.; RAMOS, D.P. Estrutura fitossociológica da comunidade arbórea de uma topossequência pouco alterada de uma área de floresta atlântica, no município de Silva Jardim-RJ. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 25, n. 1, p. 131-140, 2001.
- BRANDÃO et al. Estrutura fitossociológica e classificação sucessional do componente arbóreo em um fragmento de floresta atlântica em Igarassu - Pernambuco. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, v.4, n. 1, p. 55-61, 2009.
- CAVALCANTE, A.M.B.; SOARES, J.J.; FIGUEIREDO, M.A. Comparative phytosociology of tree sinusiae between contiguous forests in different stages of succession. **Revista Brasileira de Biologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 551-562, 2000.
- CESTARO, L.A. **Fragmentos de florestas atlânticas no Rio Grande do Norte**: relações estruturais, florísticas e fitogeográficas. 2002. 153 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.
- COSTA, A.S. et al. Estrutura de um fragmento florestal na Região Metropolitana de Maceió. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 340-342, 2007.
- FONSECA, S. A. **Levantamento florístico do Parque Municipal de Maceió, Alagoas**. Monografia (Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

GUEDES, L.S. **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da reserva ecológica de Dois Irmãos, Recife-PE**. 105 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1992.

GUEDES, M.L.S.; ESTEVES, F.A.; SANTOS, E.S. Diagnóstico ambiental dos remanescentes da Mata atlântica das Ilhas Tinharé - Boipeba (Cairú, Bahia). **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 15, p. 221-231, 1996.

LINS E SILVA, A.C.B. **Florística e fitossociologia do componente arbóreo em um fragmento de Mata atlântica na região metropolitana do Recife - PE**. 1996. 114 f. Monografia (Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

MENEZES, A.F. **Cobertura vegetal do estado de Alagoas & mangues de Alagoas**. Maceió: Instituto do Meio Ambiente, 2010. 202 p.

MORI, S.A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2. ed. Ilhéus: CEPLAC, 1989. 104 p.

OLIVEIRA, M.; TABARELLI, M.; GRILLO, A. **Caracterização da flora dos remanescentes da Usina Serra Grande, Alagoas**. Recife: Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste, 2005. Relatório Técnico.

OLIVEIRA, Z. L. de et al. Levantamento florístico e fitossociológico de um trecho de Mata atlântica na Estação Florestal Experimental de Nísia Floresta - RN. **Brasil Florestal**, v. 71, p.22-29, 2001.

PINHEIRO, A.I.L. **Levantamento florístico e fitossociológico da comunidade arbórea da Serra do Ouro na Estação Ecológica de Murici - AL**. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia - Produção Vegetal) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

RODRIGUES, M.N. **Levantamento florístico e análise da estrutura fitossociológica de um fragmento de Mata Atlântica na APA do Catolé, municípios de Maceió e Satuba – estado de Alagoas**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

ROSA NETO, J. L. **Estudo florístico de espécies botânicas na mata do Varrela, Pilar, Alagoas: educação contextualizada e conservação da Mata Atlântica**. Monografia (Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SAMBUICHI, R. H. R. Fitossociologia e diversidade de espécies arbóreas em Cabruca (Mata Atlântica raleada sobre plantação de cacau) na região sul da Bahia, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 1, p. 89-101, 2002.

SANTOS, B.A. et al. Drastic erosion in functional attributes of tree assemblages in Atlantic forest fragments of northeastern Brazil. **Biological Conservation**, v. 141, p. 249-260, 2008.

SILVA, A.F. da; FONTES, N.R.L.; LEITÃO-FILHO, H. de F. Composição florística e estrutura horizontal do estrato arbóreo de um trecho da Mata da Biologia da Universidade federal de Viçosa – Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 24, n. 4, p. 397-405, 2000.

SIQUEIRA, D.R. **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da Mata do Zumbi, Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco**. 1997. 70 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1997.

TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. A Regeneração de uma Floresta Tropical Montana após corte e queima (São Paulo-Brasil). **Revista Brasileira de Biologia**, v.59, n. 2, p. 239-250, 1999.

TAVARES, M.C. et al. Fitossociologia do componente arbóreo de um trecho de Floresta Ombrófila Montana do Parque Ecológico João Vasconcelos-Sobrinho, Caruaru, Pernambuco. **Naturalia**, v. 25, p. 17-32, 2000.

TAVARES, S. et al. **Inventário Florestal de Alagoas III**: estudo preliminar da Mata do Varrela, município de São Miguel dos Campos. Recife: Boletim Técnico da Secretaria de Obras e Serviços Públicos, 1969. v. 3.

TAVARES, M.C.G. **Fitossociologia do componente arbóreo de um trecho de floresta ombrófila Montana do Parque Ecológico João Vasconcelos Sobrinho, Caruaru, Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1998. 73 p.

TAVARES, S. et al. Inventário florestal de Alagoas I: estudo preliminar da Mata das Carobas, município de Marechal Deodoro. **Boletim técnico da Secretaria de Obras e Serviços Públicos. Recife**. 88 & 89: 17–30, 1968a.

_____ et al. Inventário florestal de Alagoas II: estudo preliminar da Mata do Varrela, município de São Miguel dos Campos. **Boletim técnico da Secretaria de Obras e Serviços Públicos. Recife**, v. 90, p. 17–28, 1968b.

_____ et al. Inventário florestal de Alagoas III: estudo preliminar da Mata do Varrela, município de Barra de São Miguel. **Boletim técnico da Secretaria de Obras e Serviços Públicos. Recife**, v.3, 1969.

_____ et al. Inventário florestal de Alagoas: contribuição para a determinação do potencial madeireiro dos municípios de São Miguel dos Campos, Chã do

Pilar, Colônia de Leopoldina e União dos Palmares. **Boletim de Recursos Naturais**, Recife, v. 9, n. 1-2, p. 123–231, 1971.

_____ et al. Nova contribuição para o inventário florestal de Alagoas. **Recursos Vegetais**. Recife. **Sudene**, v.1, 1975.

THOMAS, W.W.et al. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma área transicional de Floresta Atlântica no sul da Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 32, n. 1, p. 65-78, 2009.

USINA CORURIFE AÇÚCAR E ÁLCOOL S. A. **Levantamento detalhado de solos da Fazenda Progresso**. Coruripe: Consultores Associados do Nordeste - CAN, 1996. 29 p

VICENTE, A. Levantamentos fitossociológico de mata mesófila decídua na Serra de Itabaiana, Sergipe. **Publicações Avulsas do Centro Acadêmico Livre de Biologia**, São Cristóvão, n. 1, p. 23-27, 1997.

VICENTE, A. **Levantamento florístico de um fragmento florestal na Serra de Itabaiana – Sergipe. Recife**. 1999. 116 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Federal de Alagoas, à FAPEAL, assim como a todos os funcionários a Usina Coruripe, que deram contribuição a este trabalho. Agradecemos a Nilo Pinto, mateiro experiente, por toda a sua ajuda no trabalho de campo.